
RELATO DE EXPERIÊNCIA



Foto: Comitê de Solidariedade ao Povo de El Salvador

OS REFUGIADOS NA AMÉRICA CENTRAL ⁽¹⁾

Gabriela Rodríguez P. *

1. Alguns dados da realidade

Nos anos 80, em virtude dos conflitos bélicos existentes na América Central, um grande número de centro-americanos teve que emigrar de seus países de origem para outros países vizinhos da região. Tais populações caracterizam-se, principalmente, pelo fato de serem camponeses pobres, analfabetos em sua maioria, e por fugirem da repressão e da violência interna desencadeada em seus países.

Guatemala, El Salvador e Nicarágua foram os países que geraram a maior quantidade de refugiados, os quais tiveram que deixar seus países de origem. Existem também os “desplazados” internos, pessoas que tiveram que deixar seu lugar de origem para deslocar-se até outras zonas consideradas mais seguras dentro de seus próprios países. Todo esse movimento migratório externo e interno fez com que em março de 1991 existisse um volume de 876.000 pessoas “desplazadas” internas e 1.255.384 refugiados (Cf. CIREFCA) na América Central e México. Tenha-se em conta que Costa Rica, Belize e México não contam com “desplazados” internos; são por sua vez, países receptores de refugiados. Da cifra de refugiados anteriormente mencionada, 89% são indocumentados ou refugiados não reconhecidos, restando somente 11% de refugiados com status reconhecido. México possui 446.000 refugiados, dos quais só 10% recebem acompanhamento oficial. Em sua maioria são de origem guatemalteca, constatando-se também grande quantidade de salvadorenhos. Na América Central, Costa Rica é o país que conta com o maior número de refugiados, 290.767, dos quais apenas 14% têm status de refugiados, ou seja, 86% são indocumentados, sendo a grande maioria nicaragüense (Cf. Castro J. Pacheco G. *Panorama del Fenomeno Centroamericano*, CSUCA, 1991, mimeo).

Tendo em conta que estes são dados gerais e aproximados, na medida em que a população

indocumentada não é facilmente quantificável, observamos que o fenômeno dos refugiados numa região relativamente pequena em população - aproximadamente 23 milhões de habitantes - é um problema de grandes proporções, o qual atinge mais de 9% da população total da América Central.

Independente disso, há o problema da extrema pobreza na região, bem como os regimes neoliberais que governam atualmente, os quais, através de programas de “Ajuste Estrutural”, e respondendo aos interesses do Fundo Monetário Internacional, fazem com que os pobres fiquem cada dia mais pobres e os ricos cada dia mais ricos.

Com isso, a situação real de extrema pobreza e de sofrimento dos refugiados na América Central não mudou. Aparentemente, os processos oficiais da democratização propiciaram um estado de paz para a região, mas persistem as causas que induzem as pessoas a refugiar-se ou a sair do país. Vemos então que o perfil do refugiado centro-americano corresponde em sua maioria a um perfil histórico de pobreza e de violação dos direitos humanos, com deslocamentos contínuos e repetidas fugas. Não podemos comparar esta grande quantidade de refugiados com os refugiados políticos, apesar de que na década de 80, a partir de fora, se tenta ou se tentou dar-lhes esta conotação. Assim é o drama humano de milhares e milhares de pobres camponeses, indígenas e marginalizados que, não tendo a possibilidade de construir projetos de vida dignos em seu lugar de origem, têm em comum o sofrimento.

Na América Central dos anos 80 foram gerados milhares de refugiados e “desplazados”, não mudando substancialmente o problema humano de salvadorenhos, guatemaltecos e nicaragüenses. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados está implementando neste momento os mais intensos programas de repatriação. Os que trabalhamos com fins humanitários, em meio aos refugiados e aos setores populares, estamos conscientes de que a melhor solução para um refugiado é a repatriação, porém o problema com o qual nos de-

frontamos hoje é muito complexo: os refugiados estão deixando de ser considerados como tais, para passar a engrossar as grandes listas de *indocumentados*. As cifras que mencionamos nos parágrafos anteriores são muito claras. Pois bem, independentemente dos números, creio que o mais importante é o problema humano dos milhares e milhares de refugiados e "*desplazados*" na América Central. No âmbito da perda de identidade, encontramos gente com problemas de língua, como os miskitos e outros grupos étnicos guatemaltecos. Porém, o grande número de pessoas refugiadas e "*desplazadas*" não sofre severos problemas de aculturação, como poderia acontecer caso se trasladassem para países do hemisfério norte.

2. Uma experiência de trabalho

No meu caso particular, faz nove anos que trabalho com uma equipe interdisciplinar atendendo refugiados na América Central. Consideramos a interdisciplinariedade de vital importância para esse trabalho. Não é possível isolar o problema das pessoas, grupos e comunidades inteiras que historicamente têm sido reprimidas e maltratadas por programas assistenciais considerados modelos. O problema do assistencialismo dos primeiros cinco anos de trabalho com os refugiados (1980-85) provocou danos profundos de dependência e processos regressivos em grande parte da população. Por um lado, tivemos experiências muito positivas, mas por outro, o fato de manipular indiscriminadamente doações dos programas das Nações Unidas (ACNUR) e de outros organismos internacionais desencadeou na década que estamos iniciando uma grande mudança *Política* por parte dos que decidem sobre os programas. Considerando que, humanamente falando, durante muitos anos as pessoas e respectivos programas foram tratados como prioritários, hoje, de acordo com estratégias das próprias Instituições Internacionais, tudo muda. Mudam as circunstâncias externas, e as mesmas pessoas, pobres e migrantes, deixam de ser chamadas de *refugiados* e passam a ser consideradas migrantes econômicos, e com isso são excluídas da prioridade de qualquer programa.

O trabalho com os refugiados centro-americanos, desde o início, foi centralizado nas zonas rurais, semelhantes a seus lugares de origem. Nos primeiros cinco anos lutamos contra as *ajudas de emergência*, considerando mais importante a dignidade do refugiado mediante seu trabalho. Trabalhamos especificamente na Costa Rica com refugiados salvadorenhos, nicara-

guênses e guatemaltecos. Atuamos em coordenação com instituições e organismos de toda a América Central, especificamente com refugiados e "*desplazados*". O trabalho com refugiados, se podemos dizer assim, concentrou-se em grupos, comunidades rurais produtivas, grandemente voltadas a um projeto de vida para toda a América Central, sem excluir o trabalho que paralelamente se desenvolve de modo específico, no que se refere à saúde mental das pessoas afetadas pela violência organizada. Neste aspecto, consideramos que os modelos de abordagem em atenção aos refugiados centro-americanos no que se refere à saúde mental não podiam ser enfocados somente a partir de um ponto de vista clínico ou de denúncia contra os Direitos Humanos. A atenção ao refugiado é considerada a partir do ponto de vista integral e complexo em que a problemática psico-social é incorporada ao trabalho produtivo, educativo e jurídico, no âmbito da vida dessas pessoas. Levando-se em conta que o trauma provocado pela guerra na América Central é um trauma que abarca toda a vida das pessoas envolvidas, não podemos dar respostas focalizadas nem parciais, dada a complexidade do problema.

O trabalho em equipes interdisciplinares inclui profissionais de diferentes disciplinas, os quais, buscando dar uma dimensão integral à solução dos problemas, contribui cada qual com sua parte. Este modelo, que consideramos adequado, passa por uma constante revisão metodológica, onde os modelos abstratos e alheios à realidade são descartados.



Foto: Comitê de Solidariedade ao Povo de El Salvador

3. Perspectivas e desafios

A partir de um enfoque multidisciplinar, com uma metodologia integrada em seus aspectos psico-sociais e técnicos, temos como meta a reabilitação das vítimas da guerra através de sua incorporação ao trabalho, no sentido de conseguir uma verdadeira dignificação dos refugiados mediante o trabalho produtivo, bem como conseguir a auto-subsistência psico-social e econômica. Nesse contexto é que se trabalha com os refugiados e os setores populares. Pois bem, o problema que enfrentamos na América Central com a abordagem de todas essas temáticas é complexo. Os próprios profissionais recém saí-

dos das universidades muitas vezes encontram dificuldades para trabalhar em termos que possam romper com as estruturas academicistas de que provêm. É aqui onde o fator compromisso começa a jogar um papel relevante, em que o profissional deve libertar-se de estruturas tradicionais, que muitas vezes revelam sua insegurança em tratar de realidades tão complexas, as quais demandam uma sensibilidade e solidariedade específicas, dada a alta vulnerabilidade que apresenta a população.

O fenômeno dos refugiados na América Central, hoje, em abril de 1991, tem um perfil que tende a se configurar nos setores oficiais como o momento talvez mais difícil de enfrentar, uma vez que diminui fortemente a ajuda internacional. No entanto, embora o problema



Foto: Comitê de Solidariedade ao Povo de El Salvador

bélico não esteja tão presente, salvo em El Salvador e na Guatemala com sérias violações dos Direitos Humanos, a situação se mantém em muitos aspectos, mudando porém as políticas e o interesse pela ajuda a essas pessoas.

Esta é a situação em que nos encontramos atualmente, na América Central. As organizações não governamentais que trabalham com os refugiados, "desplazados", "retornados" e indocumentados, associam-se em um grande esforço regional e nacional nos países centro-americanos, no sentido de buscar soluções dignas desde o ponto de vista do desenvolvimento integral; soluções a longo prazo, sem assistencialismos, conscientes de que a prioridade é a repatriação, entendida porém como retorno. Nesta perspectiva, coordenamos ações através das organizações não governamentais, partilhando pontos de vista interdisciplinares, onde o refugiado é sujeito ativo de suas próprias decisões.

Finalmente, consideramos de grande importância o fato de dar a conhecer o verdadeiro problema dos refugiados e "desplazados" na América Central. O problema da miséria, da violação dos Direitos Humanos, do sofrimento das pessoas que deixaram seus lugares de origem e se viram obrigadas a deslocar-se - tudo isso continua. As políticas neoliberais, as exigências do Fundo Monetário Internacional con-

tinuam gerando pobreza e miséria. O problema migratório continua com suas duas variáveis principais: a extrema pobreza e o trauma da guerra. Essa é a nossa realidade, hoje, na América Central.

Talvez já não se lhes chame refugiados da guerra na América Central, mas a verdade é que se continua a produzir os problemas que originaram essas migrações forçadas.

As soluções ao problema dos refugiados e "desplazados" na região não podem esperar. Devemos envidar todos os esforços conjuntos possíveis para solidarizar-nos com eles. Os milhares de refugiados, "desplazados" e indocumentados são pessoas que sofrem a perda constante de coisas preciosas a cada um, tais como: seu país, seus bens, seus costumes, sua linguagem, suas terras. As soluções, portanto, deverão respeitar continuamente sua cultura, sua religião, sua ética, sua identidade.

(1) Este artigo foi traduzido do original espanhol por Sidney da Silva.

* Gabriela Rodríguez P. é Psicóloga Social; coordenadora da Equipe Interdisciplinar que trabalha com os refugiados centro-americanos - El Productor - em São José da Costa Rica; membro da equipe centro-americana de Trabalho Psico-social e desde 1982 atua junto às populações refugiadas e aos povos indígenas na América Central.

EVENTO

SEMANA SOCIAL BRASILEIRA

Data: 03 a 08 de novembro de 1991

Local: Instituto Israel Pinheiro - Brasília/DF

Tema: Mundo do Trabalho - Desafios e Perspectivas no Brasil Hoje

Promoção: CNBB - Setor Pastoral Social

Participantes: Pessoas envolvidas com a questão do Mundo do Trabalho

Informações: Fone - (061) 225.2955
CNBB - Setor Pastoral Social (vagas limitadas)

LANÇAMENTO

ESPINHOSO CAMINHO PARA A LIBERDADE Conflitos no Campo - 1990

CPT - Comissão Pastoral da Terra,
Ed. Loyola, 1991, 64 pp.

A CPT, mais uma vez, num trabalho minucioso, sério e comprometido, oferece ao público o relatório anual sobre os Conflitos no Campo, desta vez referente ao ano de 1990.

Trata-se de uma fonte rica (e triste) de informações acerca da realidade enfrentada pelos trabalhadores rurais e camponeses em geral do Brasil.

Esta publicação você não pode deixar de adquirir.

Maiores informações: CPT - Caixa Postal: 749
CEP 74000 - Goiânia - GO - Fones: (062)
223.4039 / 224.4436 - Telex: (062) 2605-PTTC-BR